

revista de cultura

VOZES

6



LUÍS
DA CÂMARA
CASCUDO •
ÁLVARO VIEIRA PINTO •
LEANDRO KONDER •
DAMIÃO BERGE •
RUBENS VAZ DA COSTA •
LUIZ COSTA LIMA • JOSÉ MARIA
TAVARES DE ANDRADE • ANTÔNIO
SÉRGIO MENDONÇA • LEONARDO
BOFF • HÉLIO OITICICA • CARLOS
A. MIRANDA •
M^{te} DE LOURDES
FÁVERO

CIVILIZAÇÃO & CULTURA

*Um jovem
de 80 anos
testemunha
as dramáticas
transformações
de nossa época*

EXPERI
ÊNCIAS

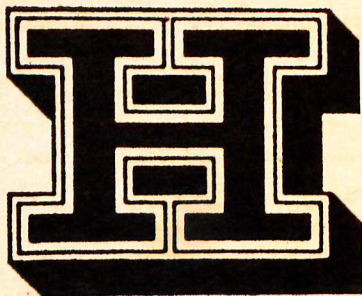
**arnold
toynbee**

*memórias
e opiniões
definitivas
de um dos mais
destacados
historiadores
do século XX*

Lançamento
da

**Editôra Vozes
Limitada**

*Nova obra de
um historiador
brasileiro
de fama
nacional
e internacional*



história e
historiografia
**JOSE
HONORIO
RODRIGUES**

O Pe. Antônio Vieira como
ideólogo do império
português — O conceito de
fronteira em História
— Weber, capitalismo e
protestantismo — O transporte
aéreo no Brasil — eis
alguns dos estudos reunidos
neste livro de
JOSE HONÓRIO RODRIGUES

Pedidos
à

**Editôra Vozes
Limitada**

990

revista de cultura

VOZES

61753733804-3

EDITORIAL	<i>Redação</i>	3
DOCUMENTÁRIO	<i>Civilização & Cultura</i>	5
ARTIGOS		
<i>Duas formas de Culturas</i>	<i>Luiz Costa Lima</i>	21
<i>Estudo da Cultura Popular</i>	<i>José Maria T. de Andrade</i>	29
<i>Cristianismo & Humanismo</i>	<i>Leonardo Boff</i>	41
<i>Cultura Brasileira fora do Brasil</i>	<i>Hélio Oiticica</i>	49
<i>Semiologia</i>	<i>Antônio S. Mendonça</i>	54
<i>Educação e Cultura</i>	<i>Maria de L. Fávero</i>	52
<i>Filosofia do Otimismo</i>	<i>Carlos A. Miranda</i>	61
<i>Subdesenvolvimento e Vanguarda</i>	<i>Moacyr Cirne</i>	67
IDÉIAS E FATOS		
<i>Religião/Arte</i>	<i>Marcos Noronha/Roberto Pontual</i>	71
LIVROS		
<i>Recensões</i>	<i>Vários</i>	74
<i>Novidades</i>	<i>Redação</i>	81
<i>Reedições</i>	<i>Redação</i>	84

ANO 64
AGÔSTO 1970
VOLUME LXIV
NÚMERO 6

EXPEDIENTE

Revista de Cultura VOZES

Fundada em 1907

Redação e Administração

Rua Frei Luís, 100

Caixa Postal 23. Fone 3639

Petrópolis, RJ Brasil

Redator: Clarêncio Neotti

Gerente: Frederico Vier

Secretário de Redação: Álvaro de Sá

Arte e Paginação: Mário Pontes

Capa deste número: Sérgio Lima

Departamento de Produção: Arnaldo J. Fecher

Departamento de Circulação: Winston C. de Almeida

**Representantes ou
Correspondentes nos Estados:**

Ceará: Ceará Ciência e Cultura, Rua Edgar Borges, 89, Fortaleza.

Rio Grande do Norte: Walter Pereira S/A, Av. Rio Branco, 590, Natal.

Paraíba: Severino Góis Representações, Rua Gal. Osório, 447, João Pessoa.

Pernambuco: Jeová Franklin, Rua Joaquim de Brito, 161/501, Recife.

Sergipe: Livraria Regina, Rua João Pessoa, 137, Aracaju.

Bahia: Distribuidora Baiana de Livros, Rua Direita da Piedade, 4, loja 4, Ed. Venezia, Salvador.

Santa Catarina: Galeria Açu-Açu, Rua 15 de Novembro, 1176, Blumenau.

Sistema rotativo de assinaturas 1970/71:
Assinatura anual feita e paga até junho:
Cr\$ 32,00 (se aérea: Cr\$ 37,00).
De julho em diante: Cr\$ 35,00
(aérea: Cr\$ 40,00). Para Norte e Nordeste
todas as assinaturas serão aéreas.
Para o Exterior: US\$ 10.
Número avulso ou atrasado: Cr\$ 4,00.

**EDITORA
VOZES
LIMITADA**

COLABORADORES

Luiz Costa Lima. Maranhense. Professor de Sociologia da Literatura na PUC/Rio. Publicou «Por que Literatura» (Vozes), «Lira e Antilira» (Civilização).

Leonardo Boff. Catarinense. Doutor em Teologia Sistemática pela Universidade de Munique. Professor no Instituto Filosófico-Teológico dos Franciscanos em Petrópolis.

Maria de Lourdes Fávero. Pernambucana. Especialista em Orientação Educacional. Trabalhou no Movimento de Educação de Base. Professora da PUC/Rio.

José Maria Tavares. Desde 1967 vem realizando pesquisas sobre cultura popular, especialmente no campo da música, cujos resultados serão publicados pela Imprensa Universitária do Recife.

Moacy Cirne. Do Rio Grande do Norte. Integrante do movimento Poema/Processo. Acaba de lançar o livro «Bum! A Explosão Criativa dos Quadrinhos» (Vozes).

Antônio Sérgio L. Mendonça. Professor da U.F.F. da Escola de Comunicação. Prêmio Guimarães Rosa em 1970. Autor de «Retângulo de Giz» (1970) e «Poesia de Vanguarda» (a sair pela Vozes).

Hélio Oiticica. Carioca. Fundador dos movimentos concreto e neoconcreto. Expôs em diversas bienais, salões e locais do Brasil e do exterior.

Carlos Alberto Miranda. Jornalista. Redator da agência «Top News». Terá em breve publicado pela Editora Vozes seu primeiro livro: «Cinema de Animação».

CIVILIZAÇÃO & CULTURA

Tanto os conceitos de cultura e civilização quanto seus pontos de contacto e dependência padecem de multiplicidade de interpretação. Daí nosso interêsse em estabelecer sua abrangência através de importantes intérpretes do pensamento no Brasil.

Buscamos o parecer de um celebrado antropólogo como Câmara Cascudo; de um humanista fino e perfeito como Frei Damião Berge; de um sociólogo da história como Álvaro Pinto; de um ideólogo marxista como Leandro Konder, de um economista esclarecido como Rubens Vaz da Costa (... ainda está por se fazer entre nós um estudo sério das relações entre nossa cultura e nossa economia).

O Leitor poderá ver o denominador comum. Verá a opinião unânime da sobrevivência das culturas nacionais, confirmadora do acêrto de nossa orientação que vinha buscando, em cada número, reter os aspectos específicos que esta cultura vai adquirindo, dentro da dinâmica do processo social brasileiro. Temos sempre evitado uma posição abstrata de coisificação da cultura, fazendo uma revista que seja ela própria uma peça importante dentro desse processo.

E' comum encontrar ligadas as expressões "cultura ocidental e cristã". Falou-se muito de um humanismo cristão. Há quem confunda cristianismo e cultura ocidental, dita cristã. Há ainda os que, pensando em defender os valôres eternos da cultura ocidental "cristã", se identificam com os sistemas políticos que se instauram no Ocidente.

Leonardo Boff xeca essa terminologia, olhando para as riquezas latentes do cristianismo a serem ainda reveladas na nova fase universal de um mundo eminentemente secular. O nôvo humanismo que está fermentando em escala planetária, poderá, sem usar o nome de cristão, possuir mais características cristãs que aquêle que, tradicionalmente, advoga para si o uso de tal epíteto.

Lúis Costa Lima liga-se ao tema de nosso número de maio ao procurar determinar se existem ou não duas formas de cultura: a de elite e a de massa, que muitos afirmam, sem questionar.

José Maria Tavares, reagindo aos que dimensionam as coisas do povo do alto de seus preconceitos, tenta uma definição de cultura popular emersa da própria expressão da vivência do povo. Parece-nos reflexão grave, sobretudo pelas conseqüências no campo educacional.

Mas quem nos fala de educação e cultura é a Professôra Maria de Lourdes Fávero, enquanto que Hélio Oiticica nos escreve sôbre expressões da cultura brasileira fora do Brasil.

Clarêncio Neotti

DEBATE

VOZES

*Civilização
&
Cultura*

CINCO ENFOQUES
E UM
COMENTÁRIO

No intuito de estabelecer a posição das diversas correntes do pensamento brasileiro a respeito de um tão controvertido conceito como cultura, a Revista Vozes formulou uma série de perguntas e encaminhou-as a significativos representantes destas correntes.

Fazendo parte da estrutura administrativa do País, um ministério que tem como finalidade exatamente instituir as diretrizes de uma política a respeito da educação e da cultura, encaminhamos em primeiro lugar essas perguntas ao Ministro Jarbas Passarinho, para que o leitor pudesse, de suas respostas, determinar a opinião oficial a respeito do assunto. Infelizmente êle não pôde responder por motivos que desconhecemos.

Ao mesmo tempo encaminhamos as perguntas a um eminente pensador e filósofo católico — Frei Damiano Berge; a um antropólogo e especialista em folclore — Luís da Câmara Cascudo; a um economista e banqueiro — Rubens Vaz da Costa; a um filósofo e professor — Alvaro Vieira Pinto; e finalmente a um pensador marxista — Leandro Konder.

Um dos entrevistados, o Dr. Rubens Costa, respondeu a duas das quatro perguntas formuladas, reconhecendo a dificuldade do tema para quem se dedica exclusivamente à economia e à administração, alegando ainda que «a formação profissional do economista é demasiado estreita para que se aventure com segurança em temas como cultura e civilização». Conhecemos a profunda capacidade profissional e intelectual do Dr. Rubens Costa e seu enorme cabedal de conhecimentos que, inclusive, lhe permitiu responder indiretamente a tôdas as questões levantadas, através das duas respostas dadas. Todavia, concordamos com sua afirmação, lastimando esta lacuna de formação nos elementos cujas atribuições influem decisivamente de uma forma ou de outra, no processo cultural e civilizatório.

Ao formularmos as perguntas, esperávamos que a distância de posições fôsse muito grande. Para surpresa, a polêmica foi substituída por um denominador comum, denominador êsse que afirma na prática um pensamento brasileiro a respeito do assunto.

Procuramos após as respostas fazer um comentário interpretativo para chamar a atenção das convergências e das divergências entre elas. Face a grande complexidade do tema, é possível que a exigüidade do espaço tenha impossibilitado uma resposta mais completa. Por outro lado, isso pode ter acarretado de nossa parte uma interpretação com falhas, que não a invalida, já que as respostas estão transcritas na íntegra.

CÂMARA CASCUDO

Nasceu em 1898 na rua das Virgens, hoje Câmara Cascudo, em Natal, onde há uma placa comemorativa que o chama de «historiador da cidade de Natal, mestre do folclore e glória definitiva da cultura brasileira». Mais de 120 livros publicados. Sobre ele também muito se escreveu. Lembramos o número especial da revista *Provincia* (Fundação José Augusto) e *Via-gem ao Universo de Câmara Cascudo*, de A. de Oliveira Costa (Fundação José Augusto).

FREI DAMIÃO BERGE

Padre franciscano. Doutorado em letras clássicas na Universidade de Bonn, na Alemanha. Catedrático de História da Filosofia e, posteriormente, catedrático de Língua e Literatura Grega na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Em 1969 o

Instituto Nacional do Livro (MEC) lhe publicou *O Logos Heraclítico — Introdução ao Estudo dos Fragmentos* (452 pp.), obra totalmente inédita, com a mais completa e atualizada informação bibliográfica, com minucioso aparato crítico, considerada nos meios universitários europeus uma das maiores contribuições dos últimos tempos para a compreensão da cultura.

RUBENS VAZ DA COSTA

Presidente do Banco do Nordeste. Desempenhou altos cargos em organismos internacionais. Tem-se dedicado, muito ao estudo das relações entre o crescimento demográfico e o desenvolvimento econômico, e sobre isso fez conferências e publicou trabalhos. Autor de diversos sin-

LEANDRO KONDER

Advogado, iniciou sua carreira como defensor de diversos sin-

dicatos de empregados na Justiça do Trabalho. Destacou-se como pensador marxista a partir de 1965, quando publicou o livro *Marxismo e Alienação*. Escreveu sucessivamente *Kafka, Vida e Obra*; *Os Marxistas e a Arte e Marx, Vida e Obra*, já publicados. Tem no prelo o livro *Camões*. Dentro da filosofia marxista tem procurado desenvolvê-la criadoramente, preocupando-se com a posição do homem em relação à arte e à sociedade.

ÁLVARO VIEIRA PINTO

Nascido em Campos (RJ) em 11/11/1909. Médico e ex-professor catedrático de História da Filosofia na Faculdade de Filosofia da Universidade do Brasil. Tem inúmeros livros publicados e notabilizou-se como um dos maiores filósofos brasileiros. Últimamente vem-se dedicando muito ao estudo do humanismo na história, sobre o que, prepara um livro de grande fôlego.

1. A PARTIR DO SEU PONTO DE VISTA. HÁ UMA DIFERENÇA ENTRE CIVILIZAÇÃO E CULTURA? EM QUE CONSISTE?

FREI DAMIÃO BERGE

Ponto de partida é o homem concreto, personal, logo inteligente, autodeterminante, pôsto em si. Cultura dir-se-ia, em sentido generalizado, a formação solícita dêste homem; sua ambientação na comunidade e no povo; sua ação e reação sôbre a natureza, o mundo, o cosmos; o resultado estável desta formação objetivado na comunidade humana. Mais estritamente, cultura é essa formação, elevada a um nível superior, conscientemente fino e universalista. Civilização seria um setor cultural, aquêle em que o homem promove, pela técnica, o bem-estar humano e cria condições novas de um viver e agir ascensionalmente mais aptos para superarem a natureza. No linguajar habitual, ambos os termos passam por equivalentes, prevalendo civilização, talvez por ser termo mais fácil de pronunciar.

LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Cultura é técnica de produção. Elemento transmissível, transportável, dinâmico, na Civilização que é estática, medular, característica. Uma Civilização influi pelas suas Culturas. Sobrevivem à Civilização criadora.

ÁLVARO VIEIRA PINTO

A pergunta parece-me o eco, já morto, de uma concepção dêstes dois conceitos que teve sua melhor sonoridade no pensamento ingênuo e literário de certos filósofos das décadas de 20 e 30. A luz de uma percepção rigorosa do processo do desenvolvimento biológico da espécie humana, particularmente na fase em que ingressa nas condições sociais de produção da existência, o termo que realmente importa é o denominado «cultura». Nêle se reflete o processo graças ao qual a espécie, em vias de hominização e, mais tarde, plenamente integrada em comunidade social de trabalho, vem resolvendo as condições que lhe são impostas pelas suas relações com o ambiente natural, de onde deve retirar os bens de que necessita para subsistir, e com o agrupamento dos semelhantes, com os quais estabelece necessariamente relações sociais. No curso dêsse processo desenvolve-se sua percepção dos objetos e fenômenos do mundo e das relações que ligam cada indivíduo aos demais, e esta percepção alcança a forma de idéias abstratas, gerais, que, num grau avançado do conhecimento, sendo transmitidas de geração a geração, como herança de

uma praxis comum, de transformação técnica do mundo, vêm a constituir o que se denomina cultura. O termo civilização é impreciso e de muito menor valor científico. Não encontrou unanimidade de conotação. Mas, a julgar pela observação do emprêgo que dêle fazem os diversos autores, pode afirmar-se que é a palavra com a qual as comunidades humanas de fases históricas muito recentes, no mundo ocidental, se denominavam a si mesmas, para se distinguirem dos povos coloniais ou possuidores de culturas estranhas, que, com essa designação, ficavam relegados ao nível de «atrasados», «incultos», «bárbaros», etc. E' um termo que exprime a visão metropolitana do mundo e por isso é sempre relativo. Nenhum povo «bárbaro» se chamou a si mesmo de bárbaro. Quem lhe dá êsse nome são os outros, os que se julgam em situação histórica eminente. Ao contrário, o que as informações sôbre os povos em fases culturais atrasadas nos ensinam é que um grande número dêles chamam-se a si mesmos por nomes que querem dizer apenas «homens», ou seja, o que para nós corresponde a «civilizados».

LEANDRO KONDER

Tenho a impressão de que os conceitos de «civilização» e «cultura» correspondem a dois aspectos inseparáveis mas não rigorosamente coincidentes da mesma realidade humana. O conceito de civilização se refere mais às condições da vida prática, às possibilidades técnicas, ao quadro institucional e às suas contradições, de modo que a cultura propriamente dita aparece no conceito de civilização como um «momento», a expressão de uma situação. Do ângulo que lhe corresponde, portanto, a cultura corre o risco de ser percebida em seu valor estritamente «documental». O conceito de cultura, por sua vez, se refere essencialmente à vida espiritual dos homens. Do ângulo que lhe corresponde, a situação civilizacional aparece, basicamente, como o conjunto das circunstâncias sociais que possibilitam e condicionam a vida espiritual, e êsse conjunto corre o risco de aparecer como uma realidade meramente «exterior» ao espírito.

Comentário às respostas

No que se refere aos termos *civilização* e *cultura* há divergências em torno de seu significado. Luis da Câmara Cascudo entende por *cultura* a técnica de produção, o elemento transmissível através da prática. Alvaro Vieira Pinto e Damião Berge aceitam parcialmente o mesmo conceito ampliando-o à ambientação na comunidade e no povo e às relações com o meio natural. Leandro Konder a isto, chama de *civilização*, e frisa a dependência do conceito de *civilização* das condições da vida prática. LCC, AVP e LK, embora utilizando denominações diferentes, aceitam como principal e predominante no desenvolvimento humano o lado que se liga à dinâmica das técnicas de produção e suas decorrências ao longo do tempo. LCC admite que o conjunto gerador da cultura é estático.

AVP despreza, como impreciso, o termo *civilização*. Seu enfoque situa-se no caráter etnológico e nos fundamentos ideológicos do conceito de *civilização*. Neste ponto, despe o eufemismo de muitos autores colocando o problema da relatividade do conceito de *civilizado*, sempre considerado a partir de um centro irradiador de poder. Isso não só no ocidente, desde a Grécia e as metrópoles que historicamente lhe sucederam, mas também no oriente, entre chineses, hindus e outros. E' assim que, quando se estuda um conjunto de povos situados numa dada área, ainda aí, tende-se a chamar de *civilização* exatamente o caráter adquirido pela metrópole local: quando se fala de uma *civilização* Incaica, de uma *civilização* Asteca, relembra-se a existência e a importância dos povos limítrofes dominados.

Damião Berge e Leandro Konder, muito próximos acerca do que seria *civilização*, partem ambos do homem concreto. Ambos admitem *cultura* e *civilização* como aspectos inseparáveis. Entretanto, Berge considera a *civilização* como um setor da cultura enquanto Konder entende a situação *civilizacional* como condicionadora de cultura, no caso referindo-se a uma situação espiritual, a um momento *civilizatório*.

2. QUAL A INFLUÊNCIA DO HUMANISMO CLÁSSICO DE NOSSA TRADIÇÃO OCIDENTAL E CRISTÃ SÔBRE A SOCIEDADE HOJE?

FREI DAMIÃO BERGE

A cultura clássica sobrevive em numerosas terminologias, insubstituíveis e forma certa quantidade de modelos do pensamento contemporâneo, até do teológico. É geral, hoje em dia, o clamor contra aqueles modelos, tidos por obsoletos, obstando, como se diz, à genuína apreensão mesmo de posições doutrinárias tradicionais. Certo o espírito sadio elimina o imprestável; entretanto, quando de fato refletido, não despreza o ainda necessário ou útil. Por claudicantes (e capciosas às vezes) que sejam as comparações: Atenas e Roma já não são as metrópoles antigas; delas provieram; aproveitaram-lhes valiosos elementos, integrados em suas existências próprias; conservam patrimônios soberbos; nutrem-se de sua indestrutível pujança literária, artística e pensada; mas são irreversivelmente criações diferentes. E não obstante, nelas vive o perene espírito clássico nobilitando o novo. Tal é e será sempre a função da cultura.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Humanismo foi ciência política, de comunicação letrada, tornando-se «clima social», para o entendimento da

unidade moral do Homem no Mundo. O Povo não o percebe, criado em Religião Cristã, pela catequese, mantida pelo hábito, modificado pelas heranças da Tradição.

ÁLVARO VIEIRA PINTO

No sentido filosófico e literário com que apareceu nos albores da época moderna, o humanismo, com razão chamado «clássico», não tem mais qualquer razão de ser. Sua influência perdura como perdura a totalidade das realizações e idéias do passado da espécie, em suas várias manifestações culturais. Mas não pertence mais à consciência do presente. O que hoje se verifica, nos representantes de tôdas as correntes de pensamento, é a procura do conteúdo de um novo conceito de humanismo, que certamente quase nada terá de comum com o antigo. Esta procura efetua-se por não se acreditar mais que a iluminação do pensamento, a aquisição da «cultura» erudita ou mesmo das novas expressões do saber moderno bastem por si para produzir um tipo superior de ser humano. O que se deseja é encontrar o conjunto de idéias que, como finalidade, sirvam para dirigir as transformações que estão ocorrendo no mundo, e de-

vem levar praticamente a melhores condições de existência para toda a humanidade. Não vale a pena perder tempo discutindo o duvidoso, contraditório e livresco «humanismo» do passado. O que se tem a fazer é empenhar-se em construir no presente os fundamentos do humanismo do futuro que, provavelmente, se representar a verdadeira realização da existência humana em todos os homens, nem sequer se chamará humanismo, porque tal palavra terá perdido a razão de ser. De fato, no dia em que desaparecer as condições inumanas de vida de qualquer parte da humanidade, quem se lembrará de chamar o homem de humano?

RUBENS COSTA

A influência do humanismo clássico sobre a sociedade de hoje é de fundamental importância. A evolução da técnica não suprimiu os valores básicos que regem a vida humana. Temos níveis de vida mais elevados, comunicações globais instantâneas e já pisamos a superfície lunar. No entanto, a vida cotidiana continua subordinada aos sentimentos e emoções que acompanham o homem há milênios, como o amor, o ódio, a ambição, a generosidade, a fé, etc. O objetivo da sociedade não mudou: é formar cidadãos válidos e não tecnocratas competentes. O processo político de escolha dos dirigentes é a consulta aos cidadãos, tendo igual va-

lor o voto do técnico ou do operário. Se é certo que a técnica está libertando a humanidade da ameaça da fome, da peste, do temor e da ignorância, é também verdade que armou o homem com engenhos de poder destruidor suficiente para erradicar a espécie humana do planeta. E só a preservação e aperfeiçoamento das virtudes do humanismo clássico, aliadas ao tempo que a tecnologia coloca ao dispor do homem para lazer, recreação e para sua evolução espiritual, poderão trazer a paz e nos levar a uma sociedade justa que a todos dê iguais oportunidades e em que não haja predominância de nação sobre nação, ou exploração do homem pelo homem. Na consecução deste objetivo o momento atual deve ser entendido como fase de transição em que as conquistas da moderna ciência não suplantaram os valores humanistas, mas, ao contrário, abrirão caminho para que sejam usufruídos em toda plenitude.

LEANDRO KONDER

Acho que a concepção cristã tradicional, que sobreviveu à crise da Reforma protestante, está hoje vivendo uma crise ainda mais grave do que aquela, uma crise provocada pelo desencadeamento de mudanças aceleradas no mundo em contraste com a inércia conservadora que se manifestou historicamente na consciência cristã. A inquietação de tantos e tão

notáveis espíritos cristãos contemporâneos assinala não só um reconhecimento da crise como o gigantesco esforço para superá-la. Estes cristãos, sem renunciar à concepção de uma transcendência extraterrena, revigoraram o cristianismo como força histórica, superaram o abstencionismo, a contemplatividade, a cumplicidade omissiva com os privilégios políticos e econômicos, o refúgio cômodo na religiosidade privada. Através deles, o cristianismo enfrenta a fecunda emu-

lação com o marxismo. Que acontecerá com tais cristãos «inquietos»? O futuro nos dirá. Se eles forem neutralizados por uma orientação conservadora, é possível até que o cristianismo venha a ter o destino da religião pagã da Grécia clássica: acaba nos livros de história e nos museus. Pessoalmente, contudo, acredito que o cristianismo, em sua renovação, ainda tem pela frente um papel de primeira grandeza a ser desempenhado.

Comentário às respostas

Todos admitem o humanismo clássico, «ocidental e cristão», como sobrevivente e influente. E realmente seria impossível negar a sua presença, ainda palpável, nos mais diversos setores da sociedade de hoje. As divergências dos cinco pensadores situam-se no futuro que está reservado a este humanismo, na sociedade de amanhã.

Damião Berge e Rubens Costa acham que o mesmo perdurará, acreditando será ele aperfeiçoado pelas novas conquistas da humanidade, que se descartará do impréstável, sem desprezar o necessário ou o útil. Resultaria assim um novo humanismo calcado exatamente naquilo em que o clássico parece ser insubstituível.

Leandro Konder e Alvaro Vieira Pinto assistem a uma crise no humanismo clássico.

Konder, reconhecendo que a propagação do humanismo clássico se fez e se faz por meio dos pensadores cristãos, assinala uma característica que pode empanar o seu futuro: a histórica tendência conservadora da consciência cristã. Por outro lado, reconhece a existência de uma força atual e gigantesca, capaz de renovar o cristianismo e conseqüentemente revigorar os conceitos humanistas. Com isto mantém-se o cristianismo na posição de primeira grandeza que tem ocupado até hoje, no Ocidente. Ao

aceitar esta renovação do cristianismo, coloca-se em posição similar à de Rubens Costa e Damião Berge. Vieira Pinto acha que a crise do humanismo clássico levou-o à sua falência e que o mesmo não pertence mais à consciência presente. Tenderia a desaparecer num mundo onde as condições inumanas de vida não mais existirem. Com isto nega ao humanismo clássico qualquer futuro, estando já a sua influência no ocaso.

3. COMO VERIÁ A CHANCE DE UM HUMANISMO. SOB QUALQUER DENOMINAÇÃO. DENTRO DE UMA CONCEPÇÃO TECNOCRÁTICA DA SOCIEDADE?

FREI DAMIÃO BERGE

Humanismo em sociedade tecnocrática: possível sua coexistência? Tecno-cracia é poder: como eleva, pode oprimir, reduzindo o homem a simples produtor ou transformador de energias.

E' ainda especialização: destrói o dilettantismo, mas pode coatar o horizonte. Contra ambos os perigos recomenda Romano Guardini a «cultura-meditação», por êle cultivada tóda a vida, a consideração pacientemente aprofundada, de quanto constitui o ser humano, sempre universalista e nobremente auto-responsável. Não é imediatamente religiosa, pode, no entanto, conduzir à teologia, hoje acessível à cultura não-clerical. E aqui nos ocorre o depoimento de um físico, acatólico, o Prof. C. F. von Weizsaecker, escrevendo em 1969:

«Os teólogos conservam um saber mais profundo do homem do que a pesquisa vale ministrar; dia virá em que êste saber será buscado mais intensamente que tóda a descrição do mundo».

Completemo-lo, seguindo a Teilhard de Chardin, que outro dia virá em que, para além de tódas as teologias e ciências e técnicas, o universo inteiro convergirá para o Cristo, criador e encarnação a mais expressiva do mais nobre humanismo.

LUÍS DA CÂMARA CASCUDO

Técnica! Quantos crimes cometidos em teu nome! A Tecnicocracia é tão possível quanto uma sociedade lunar ou marciana. Processo «exercido» pelo Homem, com a influência mental e física do agente. Se o Homem fôsse «exercido» pela Técnica, as conclu-

sões seriam imprevisíveis. Mas uma aparelhagem não determina um Temperamento, quanto mais uma Mentalidade.

ÁLVARO VIEIRA PINTO

A parte da pergunta referente ao humanismo parece-me subalterna, em vista da que se refere à chamada «concepção tecnocrática da sociedade». Se esta segunda fôr demonstrada destituída de fundamento, a primeira está automaticamente prejudicada. Ora, tal me parece ser o caso. Não existe «concepção tecnocrática da sociedade» como conceito respeitável mas apenas como expressão literária, usada por articulistas ou sociólogos impressionistas. A questão desloca-se para a compreensão da técnica, a respeito da qual vêm-se generalizando os mais confusos e simplórios equívocos. A técnica é coetânea da existência humana, inerente a ela, nada tem de substantivo, não é uma hipótese, mas um modo de ser do homem, e por isso não há razão em designar, como parece ser o intuito da pergunta, a sociedade atual «tecnocrática». Todas as sociedades que até agora existiram foram tecnocráticas, no sentido de serem dependentes das técnicas produtivas, materiais e ideais, de que dispunham, inclusive as de administração e govêrno. O que seria de espantar é que assim não fôsse. Quanto a considerar a nossa sociedade particular-

mente notável devido à influência que nela assumem os chamados técnicos, é um aspecto político, que não cabe elucidar no momento. A idéia de estarmos vivendo uma época de esplendor tecnológico é inteiramente ingênua, pois o mesmo pensaram os homens de todas as fases históricas precedentes em relação ao seu tempo. Apenas ocorre que estamos atualmente chegando a profundidades maiores do conhecimento da natureza e da existência do homem do que as possíveis no passado. Mas isto que hoje desperta visões apocalípticas nos autores de ficção científica será considerado segundo seu justo valor no quadro da realidade atual, quando esta puder ser apreciada de uma distância no tempo suficiente para apreendê-la em conjunto. Toda época histórica dá origem sempre às utopias que nela podem florescer. O humanismo é apenas uma palavra cujo significado está inteiramente por discutir. Admite-se haver um consenso implícito em torno dêle, mas esta suposição é ilusória, pois na verdade qualquer autor de um questionário acredita que todos naturalmente pensam a mesma coisa a respeito dos termos que emprega. Ora, a auspiciosa situação do nosso tempo consiste precisamente em que estas palavras veneráveis já não despertam a menor veneração, e por isso tudo está de nôvo por definir, em função das novas condições históricas. Entre os conceitos dêste tipo encontra-

se exatamente o de humanismo. Para mim significa alguma coisa, mas como suspeito que não coincide com o que pensam outras pessoas dignas de acatamento, só depois de devidamente esclarecido me atreveria a responder, entrando no mérito do problema.

LEANDRO KONDER

A concepção tecnocrática é apenas uma das variantes modernas da orientação neopositivista, racionalista-formal. A perspectiva burguesa é incapaz de pensar a história como um todo significativo e apreender a racionalidade da história, mas também não lhe é possível ser irracionalista até às últimas conseqüências, porque

o complexo modo de produção capitalista precisa da racionalização setorial para poder funcionar e dar lucros. O pensamento burguês, então, se cinde e separa a razão da história. Quando reconhece o papel da subjetividade humana na criação da história ele lhe aparece como a intromissão do absurdo. Quando reconhece a racionalidade do real, por outro lado, ela lhe aparece como uma mecânica quantificável, onde não há lugar para qualquer iniciativa livre do protagonista-homem. A concepção tecnocrática, parodiando a linguagem da ciência, é apenas o reverso da medalha dos mitos irracionalistas. E a relação de qualquer forma de humanismo conseqüente com as duas faces dessa moeda falsa só pode ser conflituosa.

Comentário às respostas

Tecnocracia, no sentido estabelecido pela pergunta, seria o exercício do poder por técnicos e principalmente visando beneficiar, a favor de interesses, o bom funcionamento dos produtos que a técnica proporciona à sociedade. Um sistema de govêrno onde o homem torna-se o objeto indireto de uma ação; para exemplificar, um urbanismo visando o fluxo de automóveis sem levar em conta os problemas principais do homem na grande cidade ou ainda, um programa econômico anti-inflacionário que não olhe para a realidade, verificando às custas de quem a inflação está sendo acelerada. Alvaro Vieira Pinto entretanto preferiu entender a questão em sua cono-

tação mais profunda, assinalando a dependência das sociedades em relação às técnicas produtivas de que dispunham. Unindo essa visão à sua já expressa opinião sobre o humanismo, critica a pergunta, negando-lhe o fundamento filosófico que possa ter e situando-a no campo do impressionismo. Mas ao descartar-se da oportunidade de elucidar o aspecto político, de ser a nossa sociedade particularmente notável devido à influência que nela assumem os chamados técnicos, deixa de respondê-la na sua essência. De fato, é exatamente este o problema que deveria ser abordado e é este aspecto político a «concepção tecnocrática da sociedade».

Os outros três indagados aceitaram as premissas da pergunta e manifestaram-se pelo conflito que pode advir entre o humanismo e a concepção tecnocrática. Luís da Câmara Cascudo leva o conflito às últimas consequências ressaltando valores intrínsecos do homem que não poderão ser vencidos pela técnica. Leandro Konder postula a tecnocracia como uma das variantes neopositivistas burguesas, contendo uma oposição antagonista racionalista-irracionalista; o irracionalismo tecnocrata, que não dá lugar ao protagonista-homem, conflitua com o humanismo. Damião Berge, assinala o caráter dúplice da técnicas que tanto pode elevar, como oprimir. Numa visão chardiniana, e complementando a resposta anterior, explicita melhor o aperfeiçoamento que sofrerá o humanismo clássico, quando teologias, ciências e técnicas convergirão para o Cristo, criador.

4. NUM MUNDO QUE SE PLANETIZA E UNIFICA CADA VEZ MAIS. HÁ AINDA POSSIBILIDADES PARA UMA CULTURA NACIONAL?

FREI DAMIÃO BERGE

Unificação planetária e nacionalismo permanente: concebível a coexistência? Devaneemos por um momento. Supondo que, num porvir ainda distante, venha a constituir-se a maxi-confederação democrática, ao menos a de seus três grandes grupos: por-

que não haveria cada componente de manter sua língua própria, com seus matizes nacionais, quando há hoje a mini-confederação suíça (e não só esta) que conta três línguas com fundos étnicos diferentes, sem os confederados deixarem de ser bons helvéticos? Quanto a uma confederação planetária, entreguemo-la aos mestres da

science fiction, aos Hamilton e Heinlein, e aos demais visionários de uma vindoura civilização humano-galáctica. Em nosso próprio planeta, e nessa nossa terra brasileira, satisfazemo-nos com a simples cultura-civilização humana que, Deus o fará através de nossa gente, será sempre cristã.

LUÍS DA CÂMARA CASCU DO

Conservamos amuletos do Paleolítico e 80% dos nossos gestos são anteriores a Jesus Cristo. Não há Vício novo e nem Virtude moderna. O sentido do «nacional» é uma vocação de continuidade biológica e habitualismo milenar. Existirá sempre...

ÁLVARO VIEIRA PINTO

As premissas da pergunta são extremamente discutíveis. E' de todo duvidosa a «planetização» e a unificação do mundo, como fato objetivo. Se a pergunta refere-se à divulgação das informações e à difusão das técnicas, revela um engano de perspectiva histórica, além de dar valor indevido, supondo-o original, a um traço que pertence à natureza do processo de desenvolvimento humano, apenas agora sensivelmente acentuado, sem contudo arrastar nenhuma transformação inédita. Parece manifestar uma impressão subjetiva, ou então de um ideal social ou político.

Históricamente, em um curso de acontecimentos onde não funcionam as leis da lógica formal para a apreensão da essência do processo em marcha, cabe dizer que em todos os tempos, tal como agora, o mundo por um lado pode ser julgado unificado, e por outro lado não admite esta qualificação. Ambas as expressões são corretas e correspondem não a modos subjetivos de apreciar o desenrolar da história, mas à essência dos acontecimentos. Está unificado, pois é sempre o mundo de todos os homens, onde qualquer fato repercute de algum modo sobre todos, nas formas permitidas pelo sistema de relações existentes em cada época; e não está unificado, pois persistem desigualdades de nível no crescimento e nas possibilidades da realização do ser humano em cada povo. Os que acreditam que assim sempre foi e assim sempre será, a meu ver não têm razão. Mas não é oportuno discutir aqui este particular. Se portanto a moldura em que está posta a pergunta é insubsistente, não me é possível responder à parte referente à «cultura nacional». Estou seguro de que este último conceito tem valor indiscutível e corresponde a uma realidade permanente, mas o verdadeiro sentido que possui só pode ser alcançado partindo de outros fundamentos, totalmente estranhos às expressões que figuram nos pressupostos da pergunta. Não podendo sequer resu-

mir aqui a seqüência de idéias que esclarecem, segundo meu modo de ver, o conteúdo da noção «cultura nacional», limito-me a assinalar a impossibilidade de dar resposta ao quesito proposto, reconhecendo no entanto a conveniência do debate a êste respeito. Nessa tentativa muito mais importância do que a discussão de conceitos acabados desta espécie deveria ter a compreensão dos fundamentos metódicos, lógicos e históricos, que dão origem a êsses conceitos.

RUBENS COSTA

A bipolarização do mundo é fenômeno transitório, cujo fim veremos possivelmente ainda nesta geração. Os indícios são claros em duas direções: a) a emergência da Europa Ocidental unida através do mercado comum, a conquista pelo Japão da posição de terceira potência econômica do mundo, a fabricação de armas nucleares de foguetes balísticos pela China, e b) os problemas que os Estados Unidos e a Rússia ora enfrentam. A conseqüência lógica parece-me inevitável: uma difusão do poder militar e econômico permitindo uma reafirmação dos valores culturais de todos os povos. As profundas divergências entre a Rússia e a China mostram, por outro lado, que o nacionalismo e a geografia são forças mais poderosas do que a ideologia. A rebelião do homem de cor nos Estados Unidos e o abandono de

atitudes imitadoras do homem branco, igualmente apontam para uma afirmação da cultura negra dentro da civilização americana.

E' inegável, porém, que os métodos modernos de comunicação, têm um impacto importante, ao tornar conhecidos costumes e atitudes da cultura dos países mais poderosos. Mas considero que o efeito de predominância é passageiro e que as tradições e costumes de cada civilização serão preservados e difundidos através daqueles mesmos meios de divulgação. Creio, portanto, que mais que nunca há condições de se consolidarem as culturas nacionais e regionais de cada país. Portanto, a planetização do mundo ao invés de destruir as culturas nacionais, facilitará sejam conhecidas e admiradas por outros povos, dando o necessário estímulo ao seu desenvolvimento e preservação.

LEANDRO KONDER

Mesmo que o processo de «planetarização» estivesse muito mais avançado do que realmente está, certos aspectos da criação cultural — especialmente a arte — continuariam a manifestar certas exigências que lhes são intrínsecas. A arte é uma fonte de conhecimento sensível, é uma experiência que só pode se comunicar com eficácia assumindo feição pessoal, dimensão subjetiva, ao contrário do conhecimento científico, que é

substancialmente impessoal. Por mais importante que seja, a criação de novos e poderosos meios de produção, transporte e comunicação não vai suprimir o caráter sensível e a feição particular do conhecimento artístico. A persistência de diferenças

não só entre os indivíduos como entre os povos exclui uma cultura planetária uniformizadora capaz de, na concepção neopositivista, acabar com as possibilidades das culturas nacionais. Ao invés disso, desenvolver-se-á a *unidade na diversidade*.

Comentário às respostas

Quatro dos pensadores divergem da planetização e unificação do mundo nas condições atuais. Rubens Costa e Leandro Konder admitem o seu início, Damião Berge aceita-as para um futuro longínquo e Alvaro Vieira Pinto acha-as duvidosas, como fato objetivo. Porém os cinco são unânimes em afirmar que as «culturas nacionais» sobreviverão ao desenvolvimento dos métodos modernos de comunicação e de difusão das técnicas. Luís da Câmara Cascudo traz como prova o estado do homem atual em relação ao passado, admitindo uma imobilidade milenar.

Rubens Costa, Damião Berge e Leandro Konder concordam que haverá uma tendência estimulando a seu crescimento e sua preservação de tal modo que a unidade sobreexista na diversidade. Damião Berge, com objetividade, reporta-se à mini-confederação suíça onde os matizes nacionais permanecem, apesar das pequenas distâncias e da sua longa existência. Rubens Costa vê na planetização o caminho para que as culturas nacionais sejam conhecidas por outros povos e Leandro Konder vê isto especialmente no que se refere à criação artística.

Vieira Pinto diante do valor indiscutível e da permanente realidade do conceito de cultura nacional e tendo uma seqüência de idéias esclarecedoras a respeito, propõe um debate acerca do assunto.

VOZES

SETEMBRO

1970

PELA PRIMEIRA VEZ NO BRASIL
UMA REVISTA DE CULTURA PÚBLICA
UM NÚMERO MONOGRÁFICO SOBRE
A NOVA CIÊNCIA DA

Semântica Estrutural

Aplicação ao fenômeno literário

ARTIGOS DE

ELIANE ZAGURY
ALICE CAFEZEIRO
MARIA HELENA MARQUES
CÉLIA THEREZINHA DE OLIVEIRA
DINAH ISENSEE CALLOU
MARIA NAZARETH SOARES

ESPECIAL

*Um caderno de 16 páginas
sobre os conceitos,
as implicações e o
vocabulário da
semântica estrutural*

RESERVE JÁ O SEU EXEMPLAR